



OUTUBRO DE LUTAS!

É tempo de luta, é tempo de enfrentar a fome e o poder do capitalismo sobre nossas vidas, que oprime a produção de alimentos e as vidas nos territórios! O modelo de desenvolvimento atual nos apresenta contradições quanto à exploração da natureza e expropriação dos bens comuns dos povos. Vivemos um momento em que o olhar ganancioso das empresas da Mineração, das Sementes Transgênicas, dos Agrotóxicos sobre os países ditos subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, a exemplo dos que estão na América Latina, Caribe e África, ricos em sua agrobiodiversidade, diversidade étnica, ancestral, natural e cultural, terras agricultáveis, das nossas sementes crioulas das águas limpas de uso comum dos povos que nele habitam, como é o caso do campo brasileiro se aguça, submete e regulamenta as pessoas e a natureza ao lucro.

As gestões pós golpe (2016), leva de volta o Brasil ao Mapa da Fome, e se agrava quando este governo que não só privilegia o agronegócio, mas que destrói políticas públicas e programas que cumpriram com o papel de retirar o Brasil do mapa da fome. Se agrava quando transforma a crise sanitária do COVID-19 numa iminente crise alimentar, negando o apoio a produção de alimento pela Agricultura Familiar/camponesa (vetou o PL 735), com os estoques públicos desabastecidos e sem nenhuma atitude ao controle da carestia desenfreada aos preços dos alimentos básicos para a refeição da classe trabalhadora. Somente de janeiro a julho/2020, a inflação do “alimento em casa” foi de 4.89%, enquanto o índice geral foi de 0.46%, ou seja, 10.6 vezes acima da inflação. Alguns alimentos tiveram aumento assustadores (jan. a ago/20), com destaque para a cebola com 72% acima do índice.

“Enquanto os preços sobem o auxílio desce!”

A volta do Brasil ao Mapa da Fome, colocou ainda em 2018 mais 10 milhões de brasileiros/as em situação de fome (segundo dados do IBGE), imaginemos a evolução deste quadro agora para os anos de 2020/2021. Pela situação de fragilidade democrática, e num país onde o governo se omite a cumprir o dever do Estado em assegurar o Direito Humano à Alimentação e Nutrição Adequadas (DHANA), cabe aos povos do campo, à classe trabalhadora, seguir firmes neste grande Mutirão Contra a Fome e seguir em luta por um estado democrático e de direito fortalecendo as lutas rumo à construção do poder popular e da Soberania Alimentar!



Afirmar a Soberania alimentar é:

Ter direito a comer comida de verdade ou alimento saudável.

Ter direito a plantar.

Ter direito a terra e território.

Ter preço justo e mercado solidário de alimentos.

Ter o reconhecimento e valorização do trabalho produtivo das mulheres e da juventude camponesa.

Ter o direito de não consumir ou plantar transgênico.

Ter o direito de não consumir no prato ou na roça, os venenos, pesticidas ou agrotóxicos.

Ter do Estado Brasileiro, como parte de suas obrigações, o financiamento e incentivo ao campesinato a partir do plantio do arroz e feijão em todo território nacional para enfrentar a crise e projetar o futuro do abastecimento alimentar.



ALIMENTO É UM DIREITO: REAJA CONTRA A FOME!

IMPACTOS NAS VIDAS DAS MULHERES, DA JUVENTUDE, NA EDUCAÇÃO E NA CULTURA

Da população faminta no mundo, as mulheres representam 70%, segundo dados da ONU! A feminização da pobreza é parte da vida das mulheres quando as condições de manutenção da vida recuam/retrocedem em seus territórios. No Brasil, elas são maioria inscritas nas políticas/programas sociais e, por isto, as mais atingidas por cortes, desmontes e perdas de direitos e, hoje, com manobras conservadoras do atual governo, sentem a mão violenta, patriarcal e racista, mas seguem se desdobrando para produzir, alimentar e manter suas famílias. São também as principais responsáveis pela gestão e cuidado familiar/comunitário, onde, já em 2015 se demarcava que 28,9 milhões de famílias eram chefiadas por mulheres. Neste momento, já se alertava o avanço do capitalismo em precarizar o trabalho de diversos setores invisibilizados com forte presença feminina, a exemplo das trabalhadoras informais, autônomas, pescadoras, camponesas, empregadas domésticas e tantas outras. É pelas mãos das mulheres camponesas que passam 80% da diversidade produtiva nas roças. Segundo o Censo Agropecuário de 2017, são as mulheres que coordenam/dirigem 538 mil estabelecimentos na região Nordeste; 136 mil na região Sudeste; 112 mil na região Norte; 104 mil na região Sul e, por fim, 57 mil na região Centro Oeste do país, tendo assim uma participação ativa na economia do nosso país. Afirmarmos nosso lugar de seguir produzindo o alimento e por isto seguimos atentas, pois o nosso grande escudo de defesa é o alimento e a nossa prioridade é a defesa da vida, fortalecendo o abastecimento popular e a luta feminista campesina construída no cotidiano dos nossos territórios, seguir sendo guardiãs das sementes crioulas, resgatando o saber camponês no cuidado com as ervas, os bancos de sementes crioulas, nossos artesanatos, nossa cultura, nossa música, afirmar nossa educação camponesa, nossa juventude, nossa ancestralidade e tudo que relaciona nosso modo de viver e o nosso saber popular, seguir



praticando a agroecologia.

A Juventude camponesa se coloca como a esperança da continuidade das atuais/futuras lutas, dentro do grande desafio de forjar uma nova geração camponesa com a mística da luta e organização popular! Permanecer ou voltar ao campo é uma tarefa muito importante para a juventude deste novo tempo, pois é seu espaço de vida, luta e identidade. Mas, esta tarefa implica na construção de condições territoriais essenciais: autonomia, geração de renda, acesso à educação no/do campo de qualidade, diversa e contextualiza aos desafios estratégicos de uma consciência camponesa e agroecológica que fomenta o papel da juventude camponesa como sujeitos que estimulam a produção de alimentos saudáveis e são promotores da luta por uma vida digna. Estas condições devem ser conquistadas pela própria juventude, em unidade com o corpo do nosso MPA e do campo político no qual integramos. Em muitos territórios camponeses temos forjado experiências com a juventude que acumulam, dentro do nosso processo organizativo, para a construção deste mundo que sonhamos. E isto deve ser motivo para aumento, não só da

nossa autoestima camponesa, mas, também, da estruturação produtiva para assegurar o modelo de agricultura que queremos com agroecologia camponesa e abastecimento popular.

A Educação Camponesa, que não se limita as experiências formais de ensino nos forja a questão, qual a relação da educação com a produção e o consumo de alimento neste contexto? É no campo, é no cultivo é na colheita, é nas relações sociais, é nas condições de vida no campo que acontece a base da formação da consciência camponesa, é no território que a vida pulsa, é no território que as lutas acontecem, é no território que se faz agroecologia, é no território que se educa que se produz Soberania Alimentar. Ao longo da história é no território (dentro e fora das sala) que se estabelece a relação do ensino e aprendizado, seja nas dimensões da educação formal e informal. No campo formal possuímos conquistas de direitos e desafios. Lutamos para que as famílias camponesas tenham acesso à escolarização em todos os níveis desde o fundamental ao superior que atenda as exigências da diversidade do campesinato. Defendemos uma educação do campo que seja contextualizada, combatemos a apologia ao agronegócio, denunciemos o desmonte da estrutura pública conquistada e somos contra o fechamento de escolas e nos somamos, intensamente, à luta dos/as professores/as da classe trabalhadora por um ensino público, gratuito e de qualidade. Muitos saberes são construídos, coletivamente, nos espaços não formais, por meio do trabalho de base e desenvolvidos na tradição da educação popular e, por este caminho, coletivizarmos os conhecimentos e semear a troca de saberes, pois acreditamos que a escola em todas as suas dimensões é o fio condutor da territorialização da agroecologia e da construção do poder popular nos territórios através da tomada do conhecimento pelas mãos do povo. É nosso compromisso coletivo valorizarmos os conhecimentos gerados do campo desde a produção até à mesa, por meio das vivências entre gerações, nos intercâmbios, nas marchas, das trocas de sementes protegidas por nossos/as guardiões/as, nos mutirões, nas feiras agroecológicas dentre outros como espaços potenciais e pedagógico essenciais para a soberania camponesa, na defesa de seu território, de sua cultura e para alimentar o povo com comida de verdade.



A identidade cultural camponesa é marcada pelo modo de ser, viver e produzir. São diversas as expressões culturais que vai desde festejos religiosos, crenças, mutirões, vestimentas, formas de luta e resistências, comidas típicas e produções artísticas. Nos interessa pensar sobre o que, como, em quais condições e para quem estamos produzindo. A produção de alimentos saudáveis diversificados, com respeito a natureza, para o consumo da família e abastecer desde o mercado local/territorial/nacional, é uma dimensão cultural dentro do universo do campesinato e estimula a territorialização de uma diversidade de culturas alimentares que carrega a história e as formas de produzir do campesinato brasileiro. Todo esse modo de vida vem sendo ameaçado pelo atual governo aliado ao grande capital representado pelas grandes empresas do agronegócio, pois, tentam destruir o modo de vida e cultura dos povos, banalizando por meio da indústria cultural que, atuando na imposição de hábitos alimentares capitalistas, padroniza o consumo, introduzindo os transgênicos, produtos industrializados com agrotóxicos e conservantes impactando, diretamente, a saúde dos povos. Aliado a isto temos a fome como um fenômeno capitalista que se massifica neste atual momento pelos territórios. Diante deste contexto é de fundamental importância a luta pela afirmação da diversidade cultural camponesa potencializando sua dimensão política no processo de luta em defesa da produção agroecológica na diversificação dos alimentos, preservando as sementes crioulas, enfrentando o agronegócio e os transgênicos rumo a Soberania Alimentar.

Por estes desafios convocamos todos/as a somar na Jornada de lutas contra a fome, por soberania alimentar que acontecerá de 12 a 16 de outubro para afirmar a luta camponesa pelo alimento, contra a fome e pela vida!

Nossas tarefas!

* Seguir afirmando a luta pelo Fora Bolsonaro como uma frente de luta fundamental do campo com a cidade, contra o avanço do conservadorismo neofascista!

* Lutar pela aprovação da Projeto de Lei (PL) 735/2020 (PL da Agricultura Familiar), como passo fundamental para alavancar a agricultura familiar e camponesa e enfrentar a crise alimentar!

* Seguir com nossas produções alimentos pelos territórios, assim como as ações do Mutirão contra a Fome, como nossa mensagem e ação de solidariedade tática, com a cidade na luta contra a fome!

* Seguir afirmando que a agricultura familiar e camponesa é a base para a soberania alimentar de uma nação, pois é nela que se produzem alimentos saudáveis, variados, nutritivos e em grande quantidade.

* Não basta os/as camponeses/as produzirem. Precisamos afirmar que o Estado precisa armazenar para que nos períodos de escassez não falem alimentos: pensar o abastecimento alimentar. Os estoques reguladores (para os períodos de entressafra) e os estoques estratégicos (para os períodos de problemas climáticos) são decisivos para manter a alimentação do povo e precisamos seguir atentos/as!

* Lembrar que só ter comida não é suficiente! Muitos problemas de saúde são causados por má alimentação, então é preciso alimento saudável, diverso e adequado às culturas alimentares locais como fator de saúde, auto estima e boa convivência.

* Afirmar que a agroecologia alimentará o mundo, com quantidade, qualidade, variedade e convivência sustentável com a mãe natureza. Mas, para isto acontecer, é preciso derrotar o agronegócio e colocar a agricultura familiar e camponesa e a reforma agrária como o centro da produção de alimentos. Isto será conquista das lutas que faremos no próximo período histórico!

* Por fim, precisamos reafirmar, que o alimento é o elo que une o povo do campo e da cidade, liga os/as trabalhadores/as do campo aos/as trabalhadores/as da cidade. É preciso reforçar este elo que nos une e afirmar que é a aliança operário/a camponesa por soberania alimentar que garantirá o enfrentamento estrutural à fome e garantirá na luta o abastecimento popular de alimentos.

JORNADA DE LUTAS: CONTRA A FOME, POR SOBERANIA ALIMENTAR

PROGRAMAÇÃO

SEGUNDA 12/10	TERÇA 13/10	QUARTA 14/10
Mulheres camponesas em defesa da vida, pelo alimento e contra a fome	Nova Geração Camponesa e a Soberania Alimentar	Cultura Popular: Luta e Resistência por Soberania Alimentar
QUINTA 15/10	SEXTA 16/10	SÁBADO 17/10
Da Educação Camponesa germinará a Soberania Alimentar	Ato Nacional	Ações de Solidariedade

Alimento é um direito. Reaja contra a fome!

DE 11 A 17/10 HAVERÁ AÇÕES LOCAIS E ATOS PELO PL DO ALIMENTO

QUEM ALIMENTA O BRASIL EXIGE RESPEITO!